

UM ESTUDO DOS MICROFUNDAMENTOS ECONÔMICOS PROPOSTOS POR SIMON E HAYEK

Adriana Sbicca¹

1. Introdução

Um caminho que nos parece promissor para o desenvolvimento da economia heterodoxa é o aprofundamento dos microfundamentos do comportamento econômico e, a partir deles, o desenvolvimento de novas proposições teóricas que salientem a dimensão psicológica do agente econômico, ou, mais precisamente, a racionalidade individual e os processos de aquisição do conhecimento. Esta consideração inicial nos levou à leitura de Friedrich von Hayek e Herbert Simon. Estes autores discordam do tratamento dos processos de tomada de decisão como uma simples convergência de opiniões que leva a um resultado maximizador. Hayek chama a atenção para o caráter subjetivo da percepção individual do mundo real e Simon destaca as distintas capacidades cognitivas dos agentes e a busca da satisfação pelo indivíduo. Do tratamento dado pelos autores ao comportamento individual emerge a necessidade do estudo da inter-relação humana. Seguindo a intuição de Hayek e Simon quanto ao conhecimento humano e à imprevisibilidade do comportamento, o foco na abordagem cognitiva parece ser um início bastante frutífero para se construir estruturas econômicas, envolvendo incerteza (de Knight) e informação imperfeita. Apesar de movidos por propostas diferentes - Simon procurando mostrar quanto o indivíduo se afasta do comportamento maximizador e Hayek focando o motivo de instituições funcionarem mesmo num ambiente que não apresenta uma ordenação centralizada - seus trabalhos apresentam semelhanças quanto à compreensão do comportamento individual. A ênfase de Hayek no surgimento de uma ordem espontânea, enquanto Simon foca os padrões de conduta (*rules of thumb*), idéia que utiliza principalmente no âmbito da firma, gera implicações destes microfundamentos nos âmbitos micro e macroeconômico. O fato dos dois autores serem conhecidos de maneira tão distinta - Simon como um representante da heterodoxia (no sentido de uma proposta diferenciada da ortodoxia econômica, o neoclassicismo) e Hayek como tendo feito uma defesa brilhante do liberalismo a partir de fortes críticas ao socialismo - torna ainda mais instigante a busca por uma reflexão sobre como proposições marcadas pela semelhança em

seus microfundamentos levaram a posições tão diversas nos seus trabalhos de economia. A aparente dificuldade que isso poderia sugerir foi enfrentada com o estudo da análise epistemológica de Hayek, considerando secundária sua proposta política (como em CALDWELL, 2003, p. 4).

Embora não seja uma idéia nova - de fato NENOVSKY (1999, p.7), KWÁSNIK (2004), RIZZELLO (2002) e LOASBY (2003) já traçaram paralelos entre as obras de Simon e Hayek quanto às suas contribuições para a reflexão sobre instituições - nesse artigo são analisados os microfundamentos de Hayek e Simon no que se refere às suas propostas epistemológicas, procurando desenvolver uma reflexão acerca da natureza e da forma do conhecimento condizente com uma abordagem evolucionária.

Este artigo está dividido em seis seções, incluindo a presente Introdução. A seção 2 trata de algumas críticas desenvolvidas por Hayek e Simon à tendência ao equilíbrio sustentada pela teoria ortodoxa. Nas seções 3 e 4 são apresentadas suas abordagens de caráter epistemológico. Na seção 5 são analisadas instituições e sua dinâmica a partir dos microfundamentos de Hayek e Simon, terminando com algumas contribuições dos autores no sentido de uma teoria do conhecimento que pode fundamentar uma abordagem heterodoxa de caráter evolucionário. Posteriormente, na seção 6, são apresentadas algumas considerações finais.

2. Críticas de Hayek e Simon à ortodoxia

Comumente são construídas críticas ao modelo tradicional (ou ortodoxia) que enfocam suas características de racionalidade maximizadora dos indivíduos e tendência ao equilíbrio. Sob este aspecto, as críticas de Hayek e Simon a estes supostos da ortodoxia vão gerar uma busca pela compreensão da inter-relação entre os agentes econômicos e das conseqüências que a ênfase nesta inter-relação traz ao modelo tradicional. A observação de como os autores se colocam diante destes supostos explicita seus pontos de vista sobre a dinâmica econômica e abre caminho para a identificação de seus pontos de continuidade e ruptura com a teoria ortodoxa.

Uma crítica importante de Hayek e Simon à teoria ortodoxa se refere às condições e pressupostos apresentados para a sustentação de tendência ao equilíbrio, o que os leva a abordar as limitações ou a impossibilidade da aplicação da teoria tradicional ao estudo econômico.

¹ Departamento de Economia – UFPR.

Simon aceita a teoria ortodoxa em determinadas situações, mais especificamente quando não estão envolvidos problemas centrais de conflito e dinâmica (SIMON, 1959, p. 254). Através de um exemplo do melão sendo escorrido para um recipiente, explica que se o objetivo é apenas prever o comportamento de equilíbrio (numa alusão ao equilíbrio neoclássico), é necessário saber pouco sobre o melão. O comportamento de equilíbrio de um agente em perfeita adaptação é definido por suas metas e pelo seu ambiente, sendo completamente independente das propriedades internas do organismo. No entanto, se o recipiente é balançado ou se o objetivo é querer saber sobre o comportamento antes do equilíbrio ser alcançado, mais informação é requerida. Seria necessário saber do melão, por exemplo, sua viscosidade, a rapidez com que ele se adapta ao recipiente e se move de forma a baixar o centro de gravidade. Assim, para prever o comportamento no curto prazo de um organismo adaptativo ou seu comportamento numa alteração complexa e rápida do meio, não é o bastante conhecer suas metas (SIMON, 1980). Ao explicitar seu objeto de estudo, Simon afirma: “We must know also a great deal about its internal structure and particularly its mechanisms of adaptation.” (SIMON, 1959, p. 255). Se novas forças são colocadas, deve ser estudada a influência delas sobre o melão e encontrada a nova posição de equilíbrio. Do mesmo modo, num organismo com múltiplas metas ou afligido por algum tipo de conflito interno quanto às metas, o comportamento só poderia ser predito a partir do conhecimento das forças relativas das diversas metas e as formas como os processos adaptativos respondem a elas.

Para Hayek, a análise de equilíbrio baseia-se em tautologias, ou seja, proposições que são necessariamente verdades por se tratarem de transformações das hipóteses originais. A análise de equilíbrio tem significado quando aplicada ao estudo de um indivíduo e não à interação entre as pessoas, ou seja, quando o objeto não envolve dinâmica econômica e é observado como atemporal (HAYEK, 1937, p. 36). Ela utiliza dados referentes a uma pessoa em questão (seus gostos e como as coisas são conhecidas) e adota-os como tendo um sentido objetivo. Deste modo, a análise de equilíbrio faz a descrição e adoção de um tipo ideal: as pessoas equalizarão os retornos marginais de algum fator em seus diferentes usos. É utilizada a hipótese de que as informações, na forma de estruturas de demanda (representando gostos individuais ou fatos técnicos), serão igualmente dadas para todos os indivíduos. Aqui os economistas ortodoxos utilizam-se de um tipo ideal cujo uso Hayek distingue daquele feito pelos sociólogos. Na sociologia sua adoção representa tipos ideais particulares, enquanto na economia há uma tentativa de generalizar o comportamento, o que é feito com aceitação de sua validade *a priori*

(HAYEK, 1937, p.37). Em seu artigo *Economics and Knowledge* (de 1937) Hayek afirma “... may main contention will be that the tautologies, of which formal equilibrium analysis in economics essentially consists, can be turned into propositions which tell us anything about causation in the real world only in so far as we are able to fill those formal propositions with definite statements about how knowledge is acquired and communicated.” (HAYEK, 1937, p. 1)

O questionamento hayekiano mostra-se rigoroso em relação à construção da análise agregada feita pela teoria ortodoxa. Refere-se ao suposto tradicional de que existe uma inter-relação entre os indivíduos de modo que as ações das pessoas não alteram a tendência ao equilíbrio porque um desvio eventual desta meta é sempre anulado por outro desvio, que ocorrerá de maneira oposta ao primeiro. Ou seja, a teoria ortodoxa admite que existem desvios do equilíbrio no âmbito microeconômico, mas afirma que a agregação, ou o nível macroeconômico, anula tais desvios e mantém a tendência ao equilíbrio. Hayek propõe uma análise econômica dinâmica e acrescenta à análise a instabilidade - o fato de que a agregação não representa um equilíbrio obrigatoriamente. O número de elementos com que se trabalha não é grande o bastante para produzir a estabilidade e o contínuo fluxo de bens e serviços da economia é mantido por contínuos ajustamentos e por disposições realizadas diariamente. Segundo Hayek, apenas admitindo a existência de um plano preconcebido, o qual seria seguido por todas as ações dos indivíduos, é que se sustentaria a existência de tendência ao equilíbrio. Dessa forma, poderíamos descartar eventos externos que alterassem o percurso da ação ou a geração de fatores endógenos relevantes (HAYEK, 1937, p. 37-38).

Hayek e Simon afirmam que estas limitações quanto à aplicação da teoria ortodoxa muitas vezes não são respeitadas e nem esclarecidas. A análise de equilíbrio, contrariando estas recomendações metodológicas, se propõe a incorporar a inter-relação pessoal. SIMON (1959, p. 254) afirma que a economia clássica é dedutiva e não requer quase nenhum contato com dados empíricos uma vez que suas hipóteses são aceitas. Esta racionalidade pode se referir a um tipo de ação humana, sem contudo poder ser generalizada. Assim, ela pode ser observada em testes empíricos simples como apostas em loteria com pouca quantidade de dinheiro. No entanto, se a situação se torna mais complexa a adoção da maximização não pode ser feita (SIMON, 1959, p. 258). A delimitação do campo de ação da suposição de racionalidade maximizadora não é bem construída e faz-se uma generalização do particular. A explicação do processo decisório é

conseguida e testada empiricamente, mas sem o esclarecimento de que apenas é válida para situações específicas com aplicações bastante limitadas.

Simon critica a dominância na literatura econômica do foco nas dimensões micro e macroeconômica e o fato de se dispensar a compreensão da teoria em suas intenções descritivas ou normativas. Usualmente a microeconomia é trabalhada de maneira mais normativa (como o homem deveria se comportar) sem considerar que o entendimento do comportamento humano através de uma microeconomia descritiva (como o homem se comporta) daria base para o âmbito macroeconômico (SIMON, 1959; 1965, p. XXV).

Para HAYEK (1937, p. 43) uma noção de “previsão correta” advinda da racionalidade humana é necessária para a aceitação do estado de equilíbrio (HAYEK, 1937, p. 43). A previsão correta, continua o autor, é possível apenas com a antecipação do que é relevante para as decisões dos indivíduos. Ao suporem uma tendência ao equilíbrio, os economistas cessam um exercício de lógica pura para iniciar um de ciência empírica. O empirismo é introduzido quando se admite que o conhecimento e as intenções dos diferentes membros da sociedade entram cada vez mais num acordo ou, em outras palavras, as expectativas tornam-se cada vez mais corretas. Dessa forma não há expectativas diferenciadas para os indivíduos como se esperaria ao aceitar a subjetividade.

Simon tem como elemento fundamental de seu argumento a capacidade explicativa, o caráter normativo da teoria ortodoxa. Sua observação do comportamento humano associado a informações de psicologia guiam seu trabalho. Hayek desenvolve sua crítica explicitando hipóteses aceitas pela ortodoxia que a enfraquecem do ponto de vista epistemológico e acabam por torná-la incapaz de envolver a dinâmica econômica. Poderíamos vislumbrar uma complementaridade nos trabalhos de Simon e Hayek quanto às dimensões micro e macroeconômica e aos caminhos utilizados para desenvolverem suas críticas à ortodoxia mas quanto a isso voltaremos mais tarde.

3. O enfoque na subjetividade de Hayek

Hayek argumenta que o agente econômico não é onisciente. Subjetividade e objetividade não são iguais. Ou seja, os princípios que norteiam o comportamento de um indivíduo não guiam as demais pessoas. Hayek aponta uma confusão quando o conhecimento do indivíduo é analisado, pois ele pode assumir dois significados. Por um lado, pode ser compreendido como todos e apenas os fatos que estiverem presentes na mente da pessoa que realiza a ação, a qual é um entendimento subjetivo. E por outro lado,

pode ser adotado significando os fatos reais objetivos, o que os economistas usualmente fazem. Tal distinção deve ser incorporada à análise do comportamento econômico, sendo fundamental, inclusive, um maior aprofundamento no sentido de se desvendar as relações entre a subjetividade e a objetividade. Quando a existência de subjetividade é assumida, as interpretações dos dados objetivos são diferenciadas e não se pode padronizar as preferências e as escolhas do ser humano. O sistema de preferências perde, então, sua sustentação e, como consequência, torna insustentável a generalização simplista de comportamento comumente utilizada pela economia ortodoxa. As ações individuais são analisadas sob parâmetros objetivos sem que as diferenças entre os sujeitos (suas diferentes experiências e histórias), isto é a subjetividade, seja relevante.

Hayek questiona a relação entre dados objetivos e subjetivos. Segundo ele, quando o estudo torna-se temporal, um processo iniciado e planejado para ser de determinada forma do início até seu fim só pode ser realizado de três maneiras: a) se houver um ditador onisciente; b) se as expectativas convergirem por uma aquisição de dados iguais para todos os indivíduos (o que significa ausência da subjetividade ou a admissão da existência de uma correspondência entre dados objetivos e subjetivos) ou; c) se a informação for de tal forma imperfeitamente igual a todos que não haja alterações de ações no decorrer do período devido a aquisição de novas informações.

O tratamento dado por Hayek ao processo de cognição humana se apresenta de maneira muito semelhante ao pensamento de Simon. Para Hayek, os indivíduos não possuem todas as informações referentes às suas ações, mas possuem parcelas do conhecimento que se inter-relacionam na sociedade de maneira relevante para a análise econômica. Nas palavras de HAYEK (1945, p.519):

The peculiar character of the problem of a rational economic order is determined precisely by the fact that the knowledge of the circumstances of which we must make use never exists in concentrated or integrated form but solely as the dispersed bits of incomplete and frequently contradictory knowledge which all the separate individuals possess.

Assim, não se pode tentar compreender as decisões econômicas como tomadas por uma mente simples, já que não é apenas uma questão de alocar recursos através de dados existentes e disponíveis.

Hayek teceu críticas ao método utilizado pela economia ortodoxa. Segundo ele, a observação das decisões humanas como um problema de alocação de recursos é um equívoco que tem sua origem na transferência errônea para os fenômenos sociais dos hábitos de pensamento que temos desenvolvido no tratamento dos fenômenos da natureza,

utilizando métodos das ciências físicas para as ciências sociais. A esta inobservância das características específicas da realidade social Hayek chamou de cientismo (*scientism*²). A partir desta sua constatação, criticou a busca da mensuração como elemento principal da ciência econômica e, neste sentido, atacou a teoria quantitativa da moeda chamando-a de uma primeira abordagem incipiente (UNB, 1981, p. 14).

4. O “satisfazimento” de Simon

A racionalidade é um tema central para Simon. Ele propõe uma maior abrangência na definição de comportamento racional assumindo que não apenas a maximização deva ser vista como um comportamento coerente. Devem ser incorporadas idéias de que as metas são ajustáveis ao desenrolar da realização da atividade. Dessa forma, o indivíduo pode não buscar a maximização, mas a satisfação (lucros e níveis de venda satisfatórios e não máximos). Isto envolve níveis de satisfação diferentes e flexíveis. Para a psicologia, o motivo de agir vem de metas e a ação termina quando as metas são satisfeitas. Contudo, as condições de satisfação de uma meta não são necessariamente fixas (como seriam se a maximização fosse utilizada), mas podem ser especificadas por um nível de aspiração que se ajusta para cima e para baixo com base na experiência. Utilizando esta teoria para os negócios pode-se dizer que as firmas talvez não busquem a maximização, mas a satisfação: uma fatia de mercado, um certo nível de lucros e vendas. Isto é importante para a teoria econômica na medida em que evidências psicológicas sobre o comportamento do indivíduo mostram que as aspirações tendem a ajustar-se ao atingido. Assim, no longo prazo, o nível de aspiração e o máximo atingido (e não o máximo atingível) estarão mais próximos.

Do ponto de vista de Simon, um comportamento pode ser analisado como consistente, mesmo quando não corresponde ao axioma de Neumann e Morgenstern (a busca da maximização do valor esperado da utilidade). Para ele, a única maneira de empregar o vocábulo "racional" de maneira não ambígua talvez seja com os advérbios apropriados. Nas palavras do autor:

Dessa maneira, uma decisão pode ser chamada "objetivamente" racional se representa *de fato* o comportamento correto para maximizar certos valores numa dada situação. É "subjetivamente" racional se maximiza a realização com referência ao conhecimento real do assunto. É "conscientemente" racional na medida em que o ajustamento dos meios aos fins visados constitui um processo consciente. É "deliberadamente" racional na medida em que a adequação dos meios aos fins tenha sido deliberadamente provocada (...). Uma decisão é "organizativamente" racional se for

² Hayek trata extensivamente deste cientismo na obra **Scientism and the Study of Society**, The Free Press, Illinois, 1952.

orientada no sentido dos objetivos da organização; é "pessoalmente" racional se visar os objetivos do indivíduo (SIMON, 1965, p. 90-1)- grifo do autor.

A importância do advérbio destrói a noção usualmente empregada na economia tradicional de racionalidade substantiva como única construção lógica aceitável, sendo qualquer outra alternativa ilógica e irracional.

Os modelos de satisfazimento (*satisficing*) de Simon são mais ricos que os modelos maximizadores porque envolvem não apenas o equilíbrio mas também como ele é alcançado. Dão informações quanto ao processo de tomada de decisões e não se sustentam apenas pela aceitação *a priori* de premissas. Estudos psicológicos sobre a formação e troca do nível de aspiração suportam proposições do tipo que segue: a) quando uma performance é um pouco inferior ao nível de aspiração do indivíduo, uma pesquisa de comportamento é induzida de modo a buscar novas alternativas de ação; b) ao mesmo tempo, o nível de aspiração começa a ajustar-se para baixo até as metas alcançarem níveis que são na prática atingíveis e não aqueles teoricamente desejados no início; c) se os dois mecanismos citados operam tão lentamente para adaptar aspirações às performances entra em cena o comportamento emocional e apatia ou agressão, por exemplo, terão um lugar no comportamento adaptativo racional (SIMON, 1959, p.263). Diferentemente da racionalidade substantiva, admite-se adaptação da ação e ajustamento de objetivos.

De modo semelhante a Hayek, Simon sustenta a subjetividade nas decisões econômicas. Segundo ele, o tomador de decisão apreende apenas parte de seu meio e processa uma fração do que é captado. O indivíduo que vai tomar decisão estrangula seu meio "real" através de seu aparato de percepção e apreende uma parcela pequena de informações. Simon argumenta que é um erro dizer que a percepção ocorre como um filtro pois isto implica que aquilo que é trazido para dentro do sistema nervoso central é realmente um pedaço igual ao que está lá fora. De fato, o filtro não é apenas uma seleção passiva de alguma parte do todo apresentado, mas um processo ativo envolvendo atenção a muitas partes pequenas do todo e exclusão, desde o início, de quase tudo que não é do escopo de atenção (SIMON, 1959, p.273). Até este momento, a idéia de Simon pode se referir a uma capacidade computacional limitada, no entanto, o cérebro realiza distorções e gera inferências, o que mostra que sua proposta é mais complexa. A cognição humana não ocorre como instruções que são passadas a um computador, do tipo estímulo-resposta, porque há uma complementação realizada pelo próprio indivíduo. Assim, o sistema nervoso central de cada indivíduo apreende e processa de maneira diferente uma mesma situação, colocação bastante similar à subjetividade proposta por Hayek.